



A polissemia do item lexical 'cartão' na ótica da linguística cognitiva e suas redes de sentido

Guilherme Delgado Oliveira

Escola Industrial e Comercial do Mindelo

Universidade de Cabo Verde - Pólo do Mindelo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6442-2243>

guilherme.oliveira@docente.unicv.edu.cv

RESUMO

Este trabalho insere-se na perspectiva da Linguística Cognitiva sob o descortino da polissemia. O objetivo é analisar os múltiplos sentidos do vocábulo 'cartão' em termos lexicográficos e da linguagem em uso. Por isso, por meio de um *corpus* linguístico, primeiramente, dicionarístico, discutem-se os sentidos enformadores do item a partir do seu modelo prototípico. Em seguida, tenta-se examinar, por meio das primeiras 1000 ocorrências da plataforma CETEMPúblico, os múltiplos sentidos que a palavra encerra numa ótica da linguagem experientialista. Serve-se das análises empreendidas para a elaboração de duas propostas de redes de sentido das quais concluímos categoricamente que: i) a análise lexicográfica é mais restritiva enquanto a da linguagem em uso é mais produtiva e dinâmica; (ii) dois são os principais mecanismos conceptuais envolvidos na construção desses sentidos múltiplos – a metáfora, por similaridade, e a metonímia, por contiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Polissemia; Lexicografia; Linguagem em uso; Cartão.

The polysemy of the lexical item 'card' from the perspective of cognitive linguistics and its meaning networks

ABSTRACT

From the perspective of Cognitive Linguistics, this study addresses the polysemy of the word 'card' in lexicographical terms, based on language in use. For this purpose, by means of a linguistic *corpus*, primarily from dictionaries, we discuss the meanings that shape 'card' and its prototype. Through the first 1000 occurrences in the CETEMPúblico platform, it aims at throwing light on the multiple meanings that the word may take within an experientialist paradigm. The analyses undertaken have been used for the elaboration of two meaning networks, based on which we categorically conclude that (i) the lexicographical analysis is more restrictive, while that of the language in use is more productive and dynamic; (ii) there are two main conceptual mechanisms involved in the identification of these multiple meanings – metaphor and metonymy, the first being similarity and the second contiguity.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Polysemy; Lexicography; Language in use; Card.



1. Introdução

Estudos sobre a Linguística Cognitiva (doravante LC), como os de Lakoff e Johnson (1980), Batoréo (2004, 2005), Evans e Green (2006), Silva (2006, 2010), entre outros, atribuem uma especial atenção à questão da polissemia. Ao contrário das teorias Estruturalista e Gerativista, este novo paradigma interessa-se sobremaneira pelos aspectos relacionados às características estruturais da categorização da qual faz parte a polissemia.

Como ciência recente, de caráter interdisciplinar e holístico, a LC tem como objeto de estudo o significado, ancorado na linguagem em uso. Relegado para um segundo plano pelas teorias Estruturalista e Gerativista, a LC encara-o numa perspectiva experiencialista, conceitualista e dinâmica, refutando a análise objetivista, abstracionista e estática das teorias que o antecedem.

É nesta perspectiva que visamos estudar o sentido múltiplo do item ‘cartão’. Assim, procuraremos, com a nossa análise, primeiramente lexicográfica, baseada em Costa (1979, p. 77), Machado (1999, p. 173) e Houaiss (2003, p. 824-825), seguida da análise ancorada na linguagem em uso, demonstrar a dinamicidade da construção de sentidos múltiplos da palavra a partir de um *corpus* constituído pelas 1000 primeiras ocorrências de ‘cartão’ na plataforma eletrônica CETEMPúblico; verificaremos sempre quais os principais mecanismos cognitivos envolvidos na formação desses novos significados.

A nossa investigação, de caráter empírico, visa, entre outras questões, responder às seguintes questões: qual o sentido prototípico do item ‘cartão’? Que outros sentidos aparecem a seguir ao protótipo? Quais as extensões semânticas responsáveis pelos novos significados? Haverá diferenças entre a análise lexicográfica e a baseada na linguagem em uso? Se as há, de que tipo?

2. Enquadramento teórico-metodológico

A Linguística Cognitiva, inaugurada sobretudo pelos estudos seminais de Lakoff e Johnson (1980) com a obra intitulada *Metaphors we live by*, representa uma nova forma de estudar a linguagem, agora como parte integrante da cognição humana.

Este novo paradigma, de acordo com Batoréo (2004, p. 106), opõe a perspectiva objetivista da linguagem assumida pelas correntes que a precedem e elege o *experiencialismo* como fundamento filosófico e epistemológico.

A perspectiva experiencialista considera a cognição, determinada pela nossa experiência corporal, o corolário de estruturas conceptuais de natureza sensório-motora, afetiva e corporificadas, proporcionando significados ancorados culturalmente. Aproveita, por isso, noções já conhecidas, que adquirem grande utilidade descritiva e explicativa, como categoria, metáfora e metonímia, gramaticalização, polissemia, e empreende os seus mais diversos estudos, sendo o último conceito extremamente pertinente.

Evans e Green (2006, p. 329) conceptualizam polissemia “como um fenômeno pelo qual um item lexical é comumente associado a dois ou mais significados que parecem estar



relacionados de alguma forma”¹ (tradução nossa). A polissemia, “fenômeno de categorização prototípica” (cf. BATORÉO, 2004, p. 50), entende-se enquanto múltiplos sentidos dos termos linguísticos e as redes de significado que se instauram entre eles, organizados a partir de um item considerado o modelo prototípico (central), isto é, o idealizado por meio de semelhanças e parecenças de família.

Silva (2003) fez notar que, a partir da LC, desencadeou-se uma obsessão pelo estudo do sentido múltiplo, cujos exemplos são os trabalhos de Langacker (1978), Brugman (1981), Lakoff (1982), Talmy (1983), e que, sem a polissemia, poder-se-ia questionar o que lhe resta; isto só para se referir à centralidade desse objeto de estudo.

Este conceito, na ótica de Silva (2010, p. 353), encerra, entretanto, complicadas questões práticas, metodológicas e teóricas. Para fundamentar este ponto de vista, Silva (2010, p. 356 ss) discute, à luz das respostas monossemista e polissemista e à dos testes diagnósticos, o problema de diferenciação de sentidos, chegando à conclusão de que a distinção entre polissemia e monossemia (ou vagueza), ainda que necessária, é instável, não constitui uma dicotomia, mas antes um *continuum* e, conseqüentemente, não é possível determinar exatamente, em muitos casos, quantos sentidos têm uma palavra.

Do mesmo modo, argumenta que a ideia de testes de diferenciação de sentidos, em si legítima, será errada enquanto esses procedimentos forem tomados como testes de identificação de sentidos estáveis. Assim, como forma de sair desta encruzilhada, Silva (2010, p. 358-359) propõe que se deve abandonar a generalizada concepção reificada do significado e interpretar corretamente a flexibilidade e a contextualidade dos significados, pois estes (i) não são entidades fixas, mas processos flexíveis; (ii) não são estáticos, mas dinâmicos; (iii) não são dados, mas construídos nos conhecimentos enciclopédicos, figurados e configurados em feixes de conhecimentos ou domínios; (iv) não são platônicos, mas corporizados (“*embodied*”) nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas.

O autor afirma, em síntese, que é a flexibilidade inerente ao significado que explica a instabilidade característica da polissemia, que faz com que homonímia, polissemia e monossemia/vagueza sejam três regiões sem fronteiras num *continuum* de diferenciação/similaridade de significado associado a uma mesma forma linguística.

Com essas explicitações de Silva (2010), vê-se, claramente, que o significado é uma realidade dinâmica, interpretativa, sujeita a mudanças, que se pode adaptar a determinados contextos de uso. É precisamente nesta mesma linha de pensamento que Batoréo (2005, p. 2) assegura que “o conteúdo semântico de uma categoria não precisa de ser unitário, sendo antes construído por inter-relações de sentidos.” Adianta ainda que “os sentidos prototípicos servem para outros de perspectiva interpretativa, dando origem a uma teoria de significado de caráter flexível, dinâmico e ‘perspectivista.’”

Pertinentes para o estudo da LC são, igualmente, os conceitos de metáfora, metonímia e categorização, possibilitando-nos a compreensão da linguagem numa perspectiva experientalista na qual a polissemia se encontra imbricada.

¹ Polysemy is the phenomenon whereby a lexical item is commonly associated with two or more meanings that appear to be related in some way.

A metáfora conceptual é, na verdade, pelas mãos de Lakoff e Johnson (1980), um autêntico tratado nos estudos da linguagem. Se desde a Retórica Clássica, a metáfora era concebida enquanto recurso retórico, observável sobretudo na linguagem literária, a tida como superior a qualquer manifestação da linguagem (COMPAGNON, 2009), esses autores vieram comprovar que ela faz parte das mais diversificadas experiências relacionais, as mais triviais, e não exclusivamente a certos usos mais elaborados, isto é, artificiais, como se postulava.

Na verdade, ao exteriorizarmos os nossos pensamentos, sentimentos, emoções e volições no nosso dia a dia, efetuamo-los por meio de projeções, reconhecidas por metáforas conceptuais, permitindo-nos projetar conceitos de maior complexidade a partir de outros mais elementares e concretos. Assim, neste modelo de investigação, a metáfora, na ótica de Batoréo (2004), corresponde à “conceptualização de um domínio mental (Domínio Alvo) através de outro domínio (Domínio Fonte)”, em que este detém um caráter comum que, por sua vez, poderá compreender (i) uma configuração biológica; (ii) uma natureza (espacial, sensorial e afetiva); (iii) uma ancoragem na experiência sensório-motora; (iv) e esquemas imagéticos incorporados (cf. BATORÉO, 2004, p. 61).

Lakoff e Johnson (1980, p. 46 ss) mapearam um conjunto de metáforas que povoam as nossas relações quotidianas; demonstraram, por meio de projeções entre domínios, que DISCUSSÃO É GUERRA, TEMPO É DINHEIRO, A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, RACIONAL É PARA CIMA / EMOCIONAL É PARA BAIXO (...).

Apropriando-se, por exemplo, da primeira metáfora, compreendemos o ato de discutir como uma guerra (domínio de origem) a qual podemos vencer ou perder, conforme o poderio do adversário, não em termos de arsenais belicistas, mas de argumentos (domínio alvo) traduzidos na capacidade dos intervenientes de sustentar a discussão com a formulação e (re)formulação dos argumentos, no ataque aos pontos fracos do outrem, nas estratégias assumidas sob forma de avanços e recuos. Assim, escute-se amiúde: ‘Ela derrubou os pontos fracos dele’; ‘Ele ganhou a discussão’; ‘Ele feriu a sua reputação com a verdade dos fatos’, etc. Do mesmo modo, efetuaram uma taxionomia, classificando-as em (i) *antológicas*, as quais estabelecem uma relação entre os sentimentos, emoções, atividades, ideias a entidades e substâncias físicas; (ii) *estruturais*, que acarretam projeções conceptuais sistemáticas de um domínio noutro ou noutros, responsáveis pela estruturação da nossa forma de perceber, agir e pensar e (iii) *orientacionais*, facultando orientações espaciais a conceitos abstratos.

Outros cognitivistas, nomeadamente Talmy (1978, 1985), Langacker (1988), Goossens (2003), Grady (1997), Steen (2017), Sullivan (2006), Maslen (2010), Kövecses (2017, 2019) e Gibbs (2019), ilustrativamente apontados, prosseguiram com reflexões nesta via, a fim do aperfeiçoamento metodológico. Com tais aparatos, reforçaram a tese, defendida pelos pais da LC, de que as metáforas conceptuais determinam, na realidade, não só a forma como estabelecemos a comunicação, mas também o modo como pensamos e agimos no mundo onde estamos inseridos. Isso significa dizer que concebemos a nossa mundividência de uma forma metafórica, assente na experiência humana do mundo exterior, procurando tornar mais inteligível os conceitos abstratos e abstrusos em conceitos mais concretos e de fácil entendimento. Não é à toa que fazemos uso das nossas experiências mundanas proporcionadas pelas partes do nosso corpo, isto é, a corporificação, pelo



seu movimento e posição em relação ao meio, para explicarmos determinados conceitos impregnados nas línguas e culturas, como são os casos das expressões idiomáticas.

Na língua e cultura portuguesas, não nos é estranho escutar expressões do tipo: ‘lavar as mãos’, ‘meter os pés pelas mãos’ e ‘meter o dedo na ferida’ significando não se envolver, confundir no raciocínio e insistir numa situação problemática, respectivamente. Enunciados cujos sentidos não se depreendem da referencialidade do real, outrossim da experiência mundana.

Verifica-se, portanto, a partir do exposto, que as metáforas podem ser objeto teórico-metodológico numa perspectiva conceptual e noutra, de lexicalização, ou seja, estudadas por meio de itens, como são os casos de muitas expressões idiomáticas, já assinaladas, pondo em destaque a relação entre a cultura e a própria linguagem.

Por outro lado, a metonímia tem feito também parte do programa dos estudos cognitivos e, muitas vezes, é abordada concomitantemente com as metáforas conceptuais, quando então é referida como “*metonymy*” (cf. GOOSSENS, 2003). Embora ambas sejam modelos conceptuais, a metonímia envolve, diferentemente da metáfora, apenas um domínio (LAKOFF e JOHNSON, 1980) em que um subdomínio conceptual é tomado em vez de outro. Silva (2006) sintetiza assim esta diferença:

a metonímia caracteriza-se por uma relação contingente de contiguidade conceptual entre elementos de um mesmo domínio conceptual, ao passo que a metáfora consiste numa projeção de um domínio conceptual noutra distinto na base de um conjunto sistemático de correspondências por similaridade conceptual (SILVA, 2006, p. 126).

Quando se profere, a exemplo de ‘Bebi um copo’, sobressai uma metonímia na medida em que se ativa conceptualmente o recipiente responsável por transportar o líquido, neste caso, a bebida que se consome. Despoleta assim uma relação por contiguidade entre os elementos recipiente e líquido ou continente e conteúdo, porquanto o primeiro conceito não implica necessariamente o segundo ou vice-versa, ocorrendo meramente por acaso.

Embora a metáfora e a metonímia sejam mecanismos cognitivos independentes, alguns estudos, como os de Goossens (2003) e Gibbs (1994), têm revelado uma certa interação destes fenômenos conceptuais e realçado que nem sempre é fácil descortinar onde começa e termina uma ou outra, sendo por isso consideradas, nalgumas circunstâncias, uma amálgama das duas coisas. Assim, quando se lê num jornal desportivo ‘O duplo cartão vermelho fez subir temperaturas no estádio x’, observamos que o enunciado carrega a ideia do descontrole emocional dos intervenientes por causa da dupla expulsão traduzida na metonímia efeito-pela-cause a qual carrega igualmente a metaftonímia A FÚRIA DOS ATLETAS É A COR DO CARTÃO VERMELHO NUM CONTENTOR DE EMOÇÕES. Aqui, mostra-se que a cor do cartão é contiguamente tomada em vez da emoção e similarmente percebida como um líquido quente que flui num contentor de emoções, isto é, manifestados pela fúria dos atletas punidos.

Como se observa, e de acordo com Langacker (1988), a linguagem representa um todo conceptual e simbólico, sendo que as unidades linguísticas convencionais estão sujeitas à categorização organizada esquemático e prototipicamente. Assim, um item e/ou expressão linguística usado(a) frequentemente, conforme o autor, origina uma rede de sentidos inter-relacionados,

ocasionando a polissemia, culminando, por exemplo, em expressões altamente lexicalizadas. Para Xavier e Mateus (1992, p. 206) citado por Batoréo (2004):

uma palavra é lexicalizada se já não pode ser formada por regras produtivas. As palavras podem ser semanticamente lexicalizadas se o seu significado deixou de ser a soma do resultado das suas partes, ou fonologicamente lexicalizadas se a sua forma não pode ser predita por processos fonológicos produtivos. Há ainda outras formas de lexicalização.

Partindo desses pressupostos, procuraremos analisar e certificar como se comportam os significados do item lexical ‘cartão’. Para tal, a nossa pesquisa, de caráter empírico, far-se-á em dois momentos: o primeiro relaciona-se com a análise dicionarística da palavra, considerando o sistema linguístico, e efetuar-se-á à base de três dicionários do português (vide anexo), cujo objetivo cinge-se à identificação do protótipo, ou seja, do exemplar padrão, assim como das relações conceptuais que se estabelecem a partir do modelo idealizado, na ótica da LC. O segundo corresponde à análise do mesmo item na perspectiva da linguagem em uso, cujo *corpus* se resume ao estudo das primeiras 1000 das 62011 ocorrências do item que aparecem no Projeto AC/DC da Linguateca (CETEMPúblico 1.7 v. 11.4). O CETEMPúblico (Corpus de Extratos de Textos Eletrônicos) é um aplicativo digital que reúne um *corpus* de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, criado pelo projeto Processo Computacional do Português, o qual deu origem à Linguateca, após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia Português e o jornal Público.²

Para a seleção do nosso *corpus*, fazendo uso deste programa, inserimos a palavra ‘cartão’ na plataforma, sob forma de pesquisa, e esta apresentou-nos um resultado de 62011 ocorrências. Dessas, imprimimos as 1000 primeiras e, posteriormente, analisamo-las e quantificamo-las, em gráficos, sob forma de percentagem, considerando a acepção em que a palavra ‘cartão’ foi utilizada, o conceito invocado, as relações semânticas estabelecidas com outros conceitos e áreas temáticas correspondentes.

Na análise efetivada, tivemos em conta não só os diversos sentidos da palavra, bem como a sua flexibilização e mutabilidade. Além disso, estabelecemos uma comparação entre as duas análises com base nas duas redes conceptuais derivadas das interpretações materializadas. Desse modo, a nossa pesquisa adquiriu um duplo caráter: quantitativo, ao procedermos a mensuração das ocorrências, representadas, *a posteriori*, em gráficos para melhor compreensão, e qualitativo, porquanto se laborou com a interpretação dos enunciados com base em critérios linguísticos.

3. Análise lexicográfica do item ‘cartão’

Para o nosso estudo, partimos da análise lexicográfica do item baseada nas entradas de três dicionários, quais sejam: Costa (1979, p. 77), Machado (1999, p. 173) e Houaiss (2003, p. 824-825). Constatou-se que a primeira entrada dos três dicionários (vide anexo 1) expõe o conceito

² Disponível em: <<https://www.linguateca.pt/cetempublico/>>. Acesso em: 03/04/2023.

de 'cartão' como material, 'papel espesso', o modelo idealizado e nuclear, o qual designamos de protótipo, pois é o que mais se reconhece, sendo o mais representativo e distintivo desta categoria, a partir do qual, sobretudo no de Houaiss (2003), resulta um conjunto de lexias em forma de especificações, como 'cartão colagem', 'cartão canelado', 'cartão de modelagem' (...), todas concebidas a partir do material prototípico 'papel espesso'. Sobressai, num segundo momento, nos dois primeiros dicionários, 'cartão de visita', equivalente à quarta entrada no de Houaiss (2003), que, embora exíguo e com dados pessoais ou profissionais de alguém, não deixa de ser similar a 'cartão', o que acarreta, por um lado, o mecanismo metafórico, pois conceptualiza-se como material, 'papel espesso', e expõe a metáfora APRESENTAÇÃO/IDENTIFICAÇÃO É CARTÃO DE VISITA e, por outro lado, a metonímia, porquanto 'cartão de visita' é feito do mesmo material prototípico e serve de suporte para inscrição de mensagens, expondo a matéria de que é feita o objeto, neste caso, em 'papel espesso', o modelo prototípico, ou então noutra material, como plástico, por exemplo.

Ainda em relação a 'cartão de visita', 'papel espesso' contendo informações, domínio concreto, projeta-se num domínio alvo, abstrato, significando apresentação ou identificação, quer no sentido positivo, quer no negativo, como veremos na análise experiencialista.

Do mesmo dicionário, surge 'cartão comercial'. Este contém, por sua vez, dados do dono do estabelecimento comercial, usados para identificação profissional. Neste âmbito, incluem-se, ainda, 'cartão postal' e 'cartão de ponto', o que expõe uma metonímia conceptual, pois são conceptualizados por meio da "matéria pelo objeto fabricado dessa matéria" (SILVA, 2010). Aqui, o material pode ser conceptualizado, igualmente, como suporte para inscrição de dados. Assim, tomamos este suporte como um subdomínio, já que há outros que servem para o efeito, não necessariamente o material 'papel espesso'.

Note-se que, no dicionário de Houaiss (2003), a polissemia da palavra é muito produtiva, e a sua semântica inicial, em alguns casos, afasta-se paulatinamente do modelo idealizado, estendendo-se a outros conceitos mais distantes, caso de 'cartão', conceptualizado como advertência e penalização quando, por extensão metafórica, chega ao âmbito do futebol ou noutras áreas da sociedade sob forma de 'cartão amarelo e vermelho'.

Emergem do verbete de Houaiss (2003) outros significados alusivos à qualidade do material 'cartão'. Assim, tendo em conta as propriedades com que é produzido, assinalam-se 'cartão cinzento', 'cartão-palha' (baixa qualidade) e 'cartão bristol', 'cartão canelado' (qualidade superior), sendo que o primeiro é feito com pasta de madeira de baixa qualidade, o segundo, com pasta de palha cozida, e os dois últimos, com pasta de papel.

Acresce que a textura do 'cartão canelado' é diferente, pois apresenta saliências. Estes 'cartões' veem-se como especificações e conceptualizam-se metonimicamente, pois expõem a matéria de que são feitos.

Do mesmo verbete irrompe, ainda, 'a cor do cartão', traduzida em 'cartão amarelo' e 'vermelho'. Assim, um exíguo retângulo de 'cartão', recortado a partir do material 'papel espesso', prototípico, e tingido com as cores (amarelo ou vermelho), conceptualiza-se, no futebol, como sinal, com a finalidade de o disciplinar. Neste âmbito, adquire o sentido de advertência e punição, pelo que conforme o grau da violação às regras, mostra-se um 'cartão amarelo' (infração menos gra-

ve) ou um ‘cartão vermelho’ (infração mais grave) a um atleta. Desenha-se, portanto, a metáfora conceptual **ADVERTÊNCIA/PUNIÇÃO É COR DO CARTÃO**.

Essa metáfora, pensamos ter origem na sinalética rodoviária. Como se sabe, os sinais de regulamentação (cor vermelha, assinalando a obrigação de parar o veículo), advertência (cor amarela, indicando atenção, podendo o condutor parar o veículo para evitar uma situação de perigo) e indicação (cor verde, significando permissão de prosseguir na marcha) têm por objetivo notificar o usuário sobre as proibições, restrições e obrigações que governam a via, cuja violação constitui infração ao código de estrada. Nos semáforos, a cor vermelha usa-se enquanto sinal de paragem obrigatória, a amarela, de precaução, e a verde, indicação. Por extensão metafórica, as duas primeiras terão chegado ao universo desportivo. Desse modo, a conceptualização metafórica ocorre através de dois domínios, o de origem – concreto – fruto da regulação do trânsito, e o alvo – abstrato, derivado da regulação da conduta desportiva.

No futebol, o gesto de levar ‘cartão’ pode influenciar o estado psicológico de quem é advertido e afetar o seu desempenho. Traduz-se, por um lado, em precaução do jogador, sob pena de ser admoestado por um segundo, originando a sua expulsão e, por outro lado, pode ocasionar reações menos positivas, quando de ‘cartão vermelho’ se trata, o que, em muitas circunstâncias, acarreta agressões verbais e, não muito incomum, físicas, como consequências do descontentamento deste sinal, ocasionando ademais uma punição mais severa. Nesse contexto, a cor do ‘cartão’ é tomada como base metonímica **REAÇÃO EMOCIONAL É COR DO CARTÃO**, resultando numa metaftonímia (“*food for thought*”), no sentido em que uma admoestação pode afetar o psicológico do jogador e resultar noutras atitudes mais agressivas pondo em destaque a metáfora antológica **RAIVA É CAUSA DA COR DO CARTÃO NUM CONTENTOR DE EMOÇÕES**.

Nas hodiernas sociedades, o item ‘cartão’ ganha utilidade no quotidiano das atividades comerciais e financeiras. Ressalta-se, nesse contexto, uma variedade de ‘cartões’ que permitem efetuar trocas comerciais em vez da moeda.

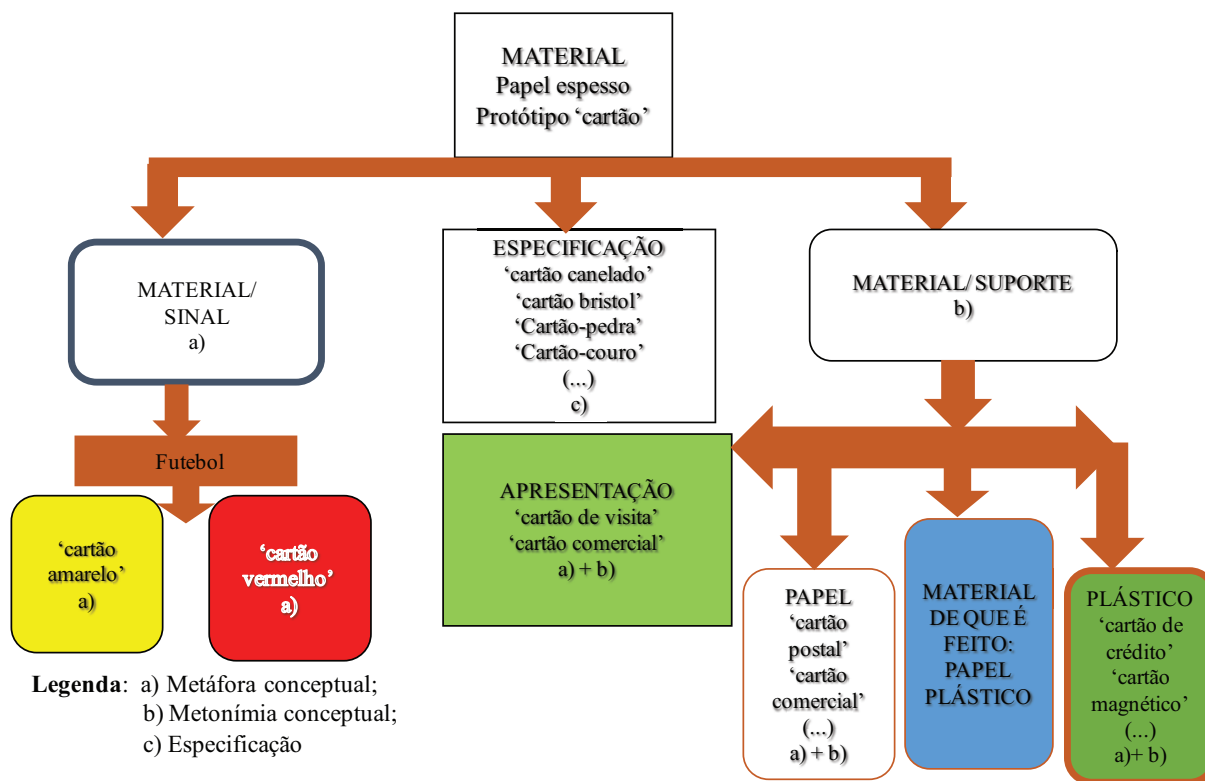
Devido a questões de segurança e rapidez das transações, esses ‘cartões’ têm vindo a substituir paulatinamente o dinheiro. Nesse âmbito, evidenciam-se ‘cartão de débito’, ‘cartão de afinidade’, ‘cartão de crédito’ (...). Assinala-se que tais ‘cartões’ não são concebidos com o material prototípico. Produzidos com plástico, podem incluir ou não um *chip*. Geralmente, contêm informações, como número de ‘cartão’, validade, assinatura do cliente e uma faixa magnética. Ainda que sejam edificados com um material diferente – plástico –, não deixam de ser ‘cartões’. Desse modo, conceptualizam-se por similaridade, como se fossem concebidos com o material – ‘papel espesso’. O mesmo se aplica, por exemplo, às lexias ‘cartão telefónico’ e ‘cartão magnético’.

Da análise lexicográfica empreendida, baseada nos três dicionários acima referidos, resultou a rede de sentido, representada pela Figura 1. Verifica-se que esta rede conceptual, assente na linguagem lexical, é muito restritiva, dada a inflexibilidade dos significados do item ‘cartão’. Há uma preocupação com a especificação do item lexical e a sua conceptualização enquanto modelo prototípico material ‘papel espesso’.

Porém, desenha-se já, embora de forma incipiente, a sua conceptualização por extensão metafórica, enquanto sinal de advertência e punição no domínio do desporto, e a sua conceptualização por contiguidade, face à ideia de suporte e do material de que é feito.



FIGURA 1. Rede conceptual do item lexical 'cartão' a partir da análise lexical



Fonte: Produzido pelo autor.

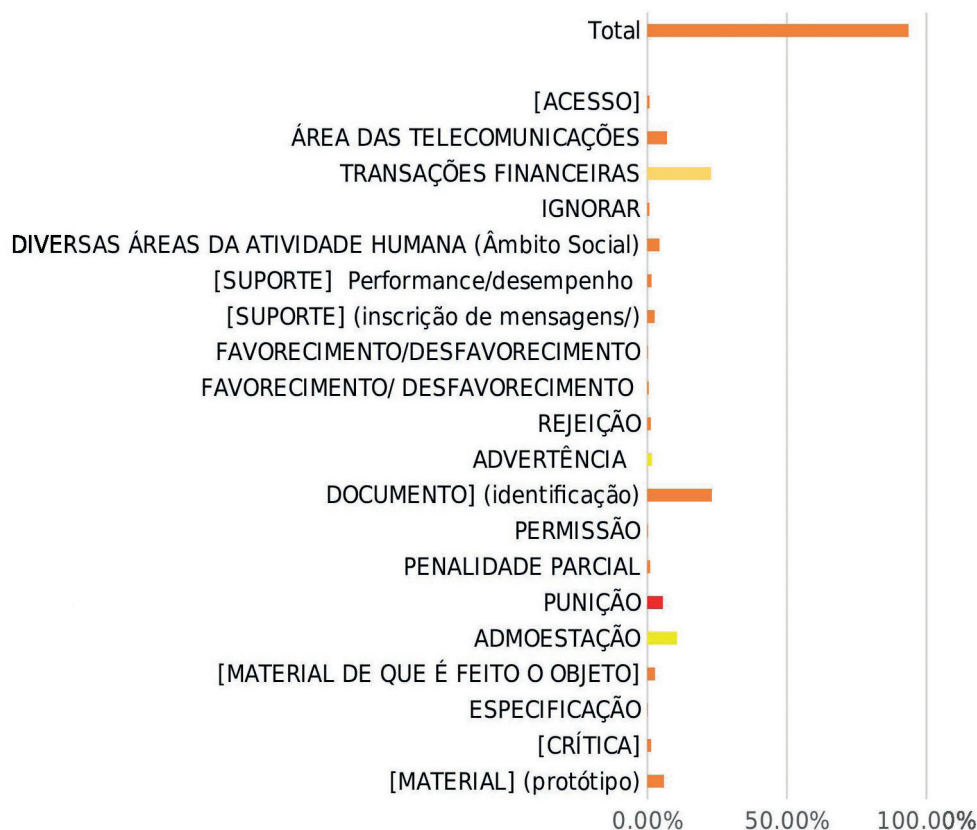
4. Análise do item 'cartão' no *corpus* eletrônico

Para a análise do *corpus* eletrônico, apropriamo-nos das primeiras 1000 ocorrências do aplicativo CETEMPúblico e, por meio de repetidas leituras, quantificamos, registrando numa tabela, as acepções em que o vocábulo foi empregado. Para efeito, tomamos, essencialmente, aspectos relacionados à tipologia de cartão, ao conceito e temas subjacentes. Dessa mensuração, resultaram os gráficos que sistematizam a percentagem das ocorrências. Primeiramente, apresentamos o Gráfico 1, que representa quase todas as ocorrências quantificadas (92,9%), desmembrado, posteriormente, em outros subgráficos, tendo em conta as conceptualizações assinaladas. Nesse ponto, assinala-se que não se conseguiu certificar o conceito, tema dos restantes 7,1% das exemplificações, tendo-os considerado casos dúbios.

Afiguram-se, *ab initio*, mais proeminentes o item e as lexias conceptualizados como documento, suporte, admoestação, material e punição (Gráfico 1), sendo que os dois primeiros servem para inscrição de dados de identificação expondo uma relação por contiguidade, por um lado, relativamente a 'papel espesso' e, por outro lado, por similaridade, já que esses 'cartões' são concebidos noutros materiais (plástico, complexo e metal).

Constatamos que o item 'cartão', conceptualizado enquanto material 'papel espesso', num percentual de (5,9%), faz parte da linguagem em uso (Gráfico 2), como atesta o excerto:

GRÁFICO 1. Representação, em percentagem total, do item ‘cartão’ analisado nas primeiras 1000 ocorrências do CETEMPúblico



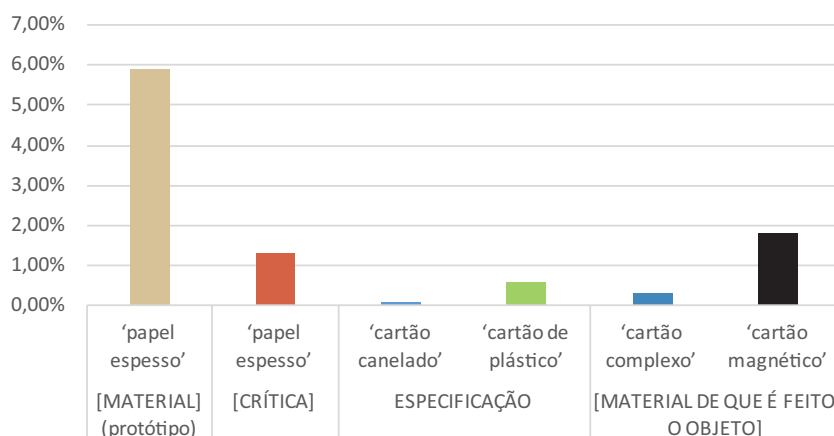
Fonte: Produzido pelo autor.

“Par=ext42231-soc-98a-2: Cada ecoponto é constituído por três contentores, uma para cada resíduo: vidro, papel / *cartão* e plástico”.

Salienta-se, porém, que esse modelo ‘papel espesso’ utiliza-se, em alguns contextos, por extensão metafórica, do sentido depreciativo (1,3%), em forma de crítica, quando se associa a atributos de pessoas e de edificações, transportando o conceito de censura. Projeta-se assim a metáfora QUALIDADE / ESTADO / EDIFICAÇÃO É CARTÃO ESPESSE. Apropriemo-nos desses exemplos expressos no CETEMPúblico: “Estamos a falar de um louco que provavelmente vive numa caixa de *cartão* numa esquina da Rua 42”; “É, no fundo, a figura que de braços abertos, ocupou o palco do Coliseu, numa pose semelhante à das figuras de *cartão* que povoam as escadarias ” / “O que é uma arquitetura de *cartão*?”.

Sobressaem outras lexias, como ‘cartão magnético’, ‘cartão complexo’, fabricados noutros materiais, como plástico e metais (0,7%), os quais não deixam de ser conceptualizados como ‘cartões’ de ‘papel espesso’, expondo o mecanismo metafórico por similaridade: “Par=ext9876-clt-soc-92a-3: dois protocolos, visando à reciclagem do vidro e das embalagens de plástico, *cartão complexo* e *metal*, vão ser assinados hoje no Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, em Lisboa, para comemorar o Dia Mundial do Ambiente.”

GRÁFICO 2. Ocorrências, em percentual, relativas ao modelo prototípico, especificação e material de que é feito o objeto da palavra 'cartão'

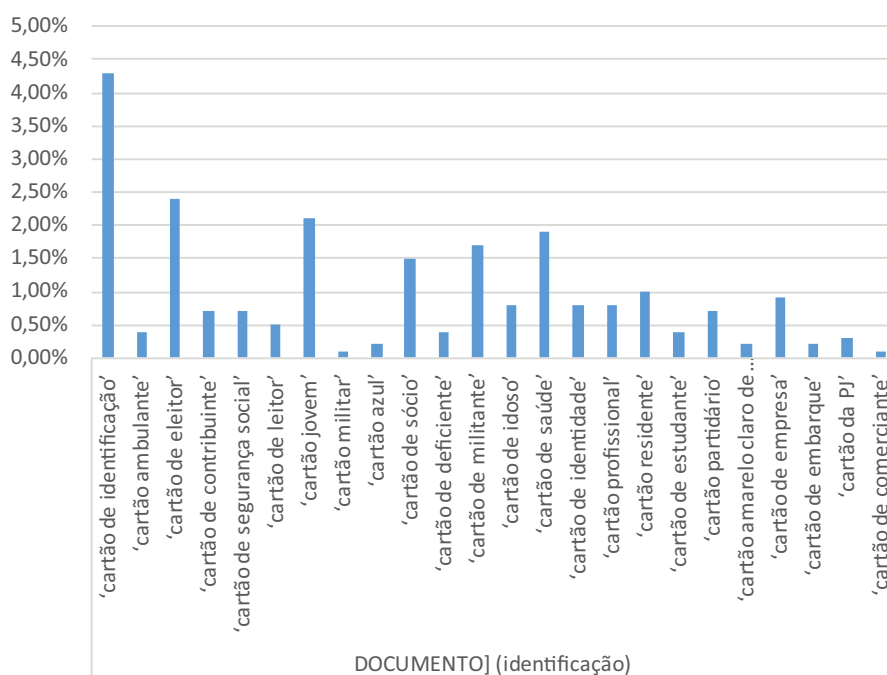


Fonte: Produzido o autor.

Note-se, contudo, que muitas das lexias compostas, caso de 'cartão brístol', 'cartão íris' (...), ressaltadas no dicionário de Houaiss (2003), não foram reiteradas, ainda que fosse notada uma única relativa ao 'cartão canelado', como se depreende do exemplo, traduzida na ínfima percentagem de (0,001%), o que é visível nesta passagem: "Par=ext214785-pol-91b-2: Vasco Pessanha – Foram indicadas duas áreas distintas para essa transformação: a das pastas de eucalipto branqueado e a do *cartão canelado*."

Contrariamente a não utilização da especificação, aparecem na linguagem cotidiana, reiteradamente, os que se conceptualizam enquanto documento, perfazendo um alto percentual (23,3%) – no sentido de identificação, como se apresenta no Gráfico 3.

GRÁFICO 3. Ocorrências relativas à conceptualização de 'cartão' como documento



Fonte: Produzido pelo autor.

Nas relações interpessoais, em nível institucional, ressaltam, ainda, vários ‘cartões’, possibilitando a identificação de um indivíduo como pertencente a um determinado país, partido, agremiação, ou então ter acesso a determinados serviços específicos. Assinalam-se, por conseguinte, ‘cartão de identificação’, ‘cartão de estudante’, ‘cartão de eleitor’, ‘cartão de residência’, ‘cartão militante’, ‘cartão de sócio’; “par=ext255474-soc-96a-1: Perante a pertinência de incluir na ação social também os alunos do ensino superior particular e cooperativo, João Carvalho lembrou que há já dois anos que nas cantinas do Porto ninguém pede o *cartão de estudante*”.

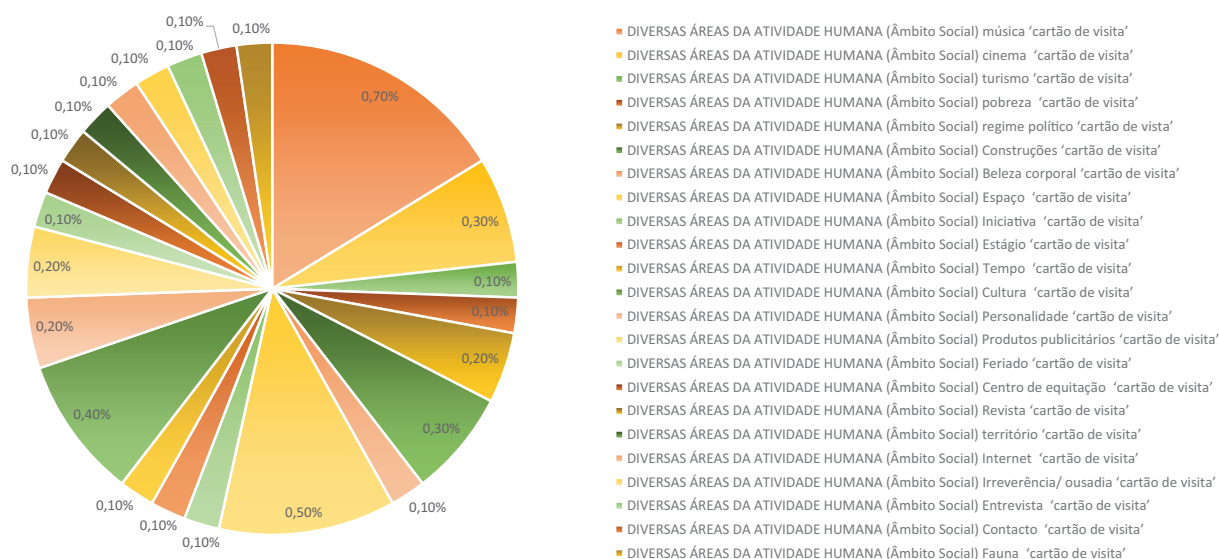
Alguns destes ‘cartões’ fabricam-se nos materiais ‘papel espesso’ e plástico, sendo que os concebidos no último expõem uma relação por similaridade face aos de ‘papel espesso’.

Todos possuem um aspecto em comum, pois são portadores de dados, que viabilizam a identificação de um indivíduo, servindo-se, por isso, de suporte, o que acarreta uma operação por contiguidade, expondo a matéria pelo objeto fabricado dessa matéria: “Par=ext120376-pol-95b-2: O PAICV tem vindo a reiterar a necessidade de haver observadores internacionais, como forma de garantir a transparência do processo eleitoral, que incluiria a utilização de tinta indelével, e não apenas o *cartão eleitoral*”.

Pontuados são, igualmente, os ‘cartões de visita’, os quais trazem informações que nos possibilitam contactar ou distinguir uma pessoa. Na linguagem em uso, através do mecanismo metafórico, a partir da linguagem figurada, esta lexia chega a diversas áreas ligadas às experiências humanas. Desse modo, a partir do domínio origem – os dados (pessoais ou profissionais) que permitem a apresentação de alguém –, projeta-se um domínio alvo – primeira impressão com outra realidade, expondo, dentre outras situações, sentidos diferenciados, associando-se a várias instâncias da esfera social (4,3%), como música, pobreza, personalidade, beleza, entre outras (Gráfico 4), realçando a construção imagética de metáforas, como MÚSICA É CARTÃO DE VISTA, BELEZA É CARTÃO DE VISITA, POBREZA É CARTÃO DE VISITA (...), respectivamente, observáveis nestes excertos do CETEMPúblico: (1) “Par=ext20315-clt-95a-1: Como *cartão de apresentação* levou-lhe ‘Vagamundo’, música sua para letra de Luiz de Macedo, a faixa que haveria de encerrar este álbum”; (2) “Par=ext96888-nd-93b-2: No que diz respeito aos outros, é o seu *cartão de visita*: tal como a maioria das pessoas não tem cartão de visita, assim também a maioria das pessoas não tem um corpo apresentável segundo os cânones / A pobreza continua, porém, a ser o cartão de visita de Gaza, um dos territórios mais densamente povoados do mundo, onde existem apenas duas fábricas, com menos de 100 empregados, mas onde há quatro prisões e 22 mil polícias”.

Essas metáforas conceptualizam-se por meio de aspectos mais salientes de uma realidade, qualidade ou estado, digno de realce, pela positiva ou negativa, os quais se identificam como dados transportados por meio de um ‘cartão de visita’. Assim, por exemplo, se tomarmos a metáfora constante, neste último exemplo, diríamos que o desemprego galopante, as prisões superlotadas e os policiais em número elevado *per capita* acarretam o conceito de pobreza, expondo os dados identitários mais marcantes da situação vivenciada em Gaza, o que permite a sua localização ou diferenciação face a outros territórios.

GRÁFICO 4. Ocorrências, em percentual, da lexia ‘cartão de visita’



Fonte: Produzido pelo autor.

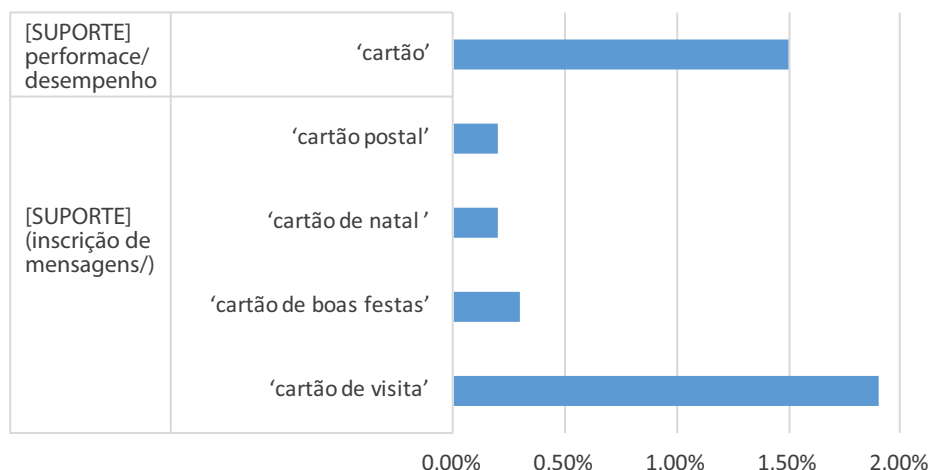
Ainda por meio da lexia ‘cartão de visita’ e, em sentido oposto a não o ofertar, por extensão metafórica, ocorre a expressão semanticamente convencionalizada (BATORÉO, 2004) ‘não passar cartão’ (0,9%), com o sentido de não dar a devida atenção ou importância a alguém ou a uma instituição, isto é, ignorá-lo(a). Traduzindo, dir-se-ia que uma pessoa individual ou uma organização qualquer ‘não passa cartão’ a outra – “ou seja, o Benfica não passou *cartão* à FIFA”.

Similarmente a ‘cartão de visita’, constam as lexias ‘cartão de boas festas’, ‘cartão de natal’ e ‘cartão postal’, representando um percentual de 2,6% (Gráfico 5), os quais se concebem a partir do material ‘papel consistente’, exibindo uma operação metonímica, ou melhor, de contiguidade, já que evidencia o material do qual são feitos e funcionam como suporte para inscrição de mensagens de natal, felicitações, ou ainda enquanto suporte para anotação do desempenho dos atletas (1,5%), conforme os exemplos: (1) “Par=ext68144-soc-98a-2: No final, os sindicalistas tiveram direito a um cartão de boas festas”; (2) “Par=ext6017-des-98b-2: É que Sluman, segundo classificado na véspera, apresentou um ‘cartão’ com o melhor resultado do dia (65)” .

Na linguagem experiencialista, o vocábulo continua a fazer parte das rotinas desportivas, sobretudo nas do futebol e futsal, conceptualizando-se como sinal, como analisado anteriormente. Tal fato é ilustrado neste fragmento: “Par=ext82534-des-97b-1: Edmundo atirou-lhe com a bola, o que lhe valeu o primeiro *cartão amarelo*”.

Não se confina, todavia, a essa área e, por intermédio da linguagem figurada, por extensão metafórica, a partir do domínio abstrato – aviso no futebol – alcança o da política e outras instâncias, transportando os conceitos de aviso (‘cartão amarelo’) e repulsa (‘cartão vermelho’) como domínio alvo. Nesse contexto, mostra-se um ‘cartão amarelo’ ou

GRÁFICO 5. Ocorrências, em percentual, do item ‘cartão’ como suporte



Fonte: Produzido pelo autor.

‘vermelho’ a um governo, empresa, projeto, pessoa, ideia... “O povo português, na sua sabedoria, mostrou mais um *cartão amarelo* a Cavaco Silva”; “Então eles não andam sempre a dizer que o Governo governa mal, que o povo lhe deve mostrar um *cartão vermelho*”.

Esse mesmo raciocínio aplica-se a outros contextos, como acontece, neste exemplo, em sinal de rejeição/desaprovação de um modelo de carros: “Todos os carros tiveram *cartão vermelho*, sendo o Nissan Micra e o Rover os modelos que provocam menos lesões nos membros inferiores”.

Há referências pontuais de outros tipos de ‘cartões’ no futebol, como ‘cartão verde’, envolvendo o conceito de permissão/anuência, sinal que aprova a entrada do médico em campo para assistir os atletas, como observado neste enunciado: “par=ext30051-des-95a-2: Já era mal visto, aqui na Suíça, o uso de um *cartão verde* pela Federação Suíça para assinalar ao médico que podia entrar no relvado; esse cartão deixou de existir há dois anos”.

Registra-se, também, a intenção da introdução do ‘cartão azul’, no sentido de punição parcial, o qual mereceu oposição do ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter, como se apercebe neste exemplo: “Par=ext57154-des-95a-1: Foi o secretário-geral da FIFA, Joseph Blatter, quem revelou ao Público ter recebido da CBF a confirmação de que a Federação Paulista já foi devidamente notificada da proibição imediata do uso do *cartão azul* no campeonato”.

Recentemente, tem sido praxe, no âmbito das experiências quotidianas desportivas, notícias da exibição do ‘cartão branco’ em sinal de *fair play*, resultado de uma atitude eticamente exemplar por parte dos agentes envolvidos nas práticas desportivas, transportando o conceito de pedagogia, o qual se traduz nas metáforas VERDADE DESPORTIVA É COR DO CARTÃO, OU ÉTICA É COR DO CARTÃO.

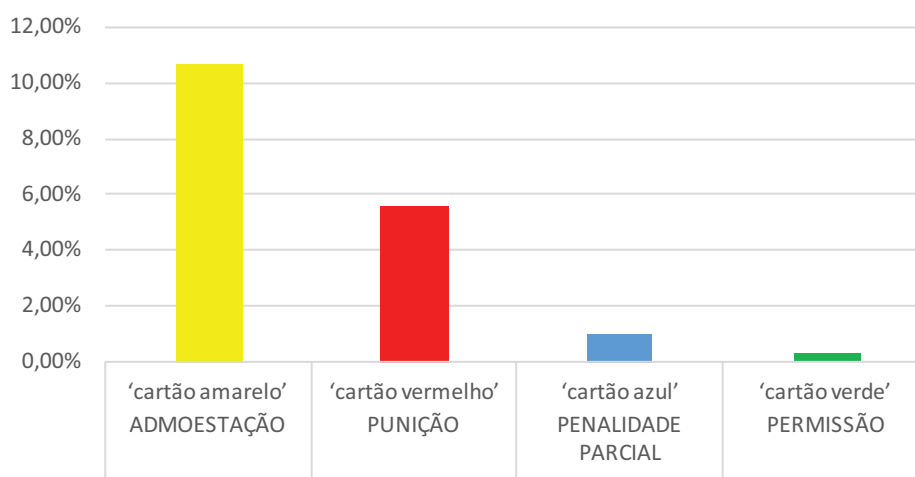
Ainda que não tivéssemos encontrado exemplos demonstrativos dessa ocorrência no nosso *corpus*, porquanto trabalhamos com as primeiras 1000 ocorrências do item, isso não

invalida que não haja menção nas restantes. No entanto, há notícias que carregam essa referência, como é o caso deste excerto, extraído do Jornal *Público*³:

Portugal inventou um cartão que premeia. É branco, a cor da paz, e pretende promover isso mesmo. Num prisma oposto ao dos cartões amarelo, vermelho ou azul, que servem como punições, chegou o cartão que valoriza atitudes elogiáveis, começando pelo respeito, passando pelo desportivismo e acabando na ética. Em suma, abrange tudo o que puder ser incluído num conceito vasto de “boas práticas” (PÚBLICO, 2015, destacado nosso).

Essa observação é a prova do grau de dinamicidade, num *continuum* e em crescendo, do uso do item lexical “cartão” nas experiências quotidianas das sociedades em diversas atividades, desde a regulamentação rodoviária, passando pela desportiva, até chegar a outras áreas. Tais demonstrações apontam a importância do uso do item na esfera da prática desportiva, justificando a alta percentagem registrada (17,3%), como se espelha no Gráfico 6:

GRÁFICO 6. Ocorrências, em percentual, relativas à ‘cor do cartão’ no âmbito esportivo



Fonte: Produzido pelo autor.

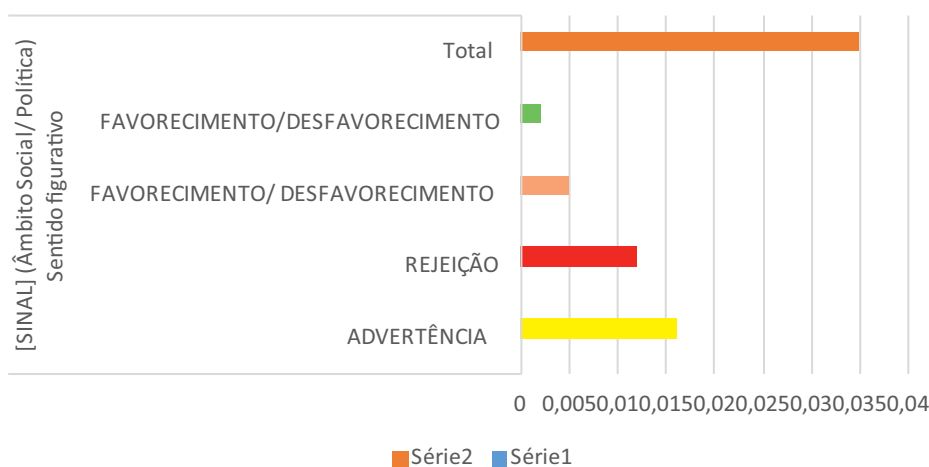
Ainda a propósito das cores do ‘cartão’, distinguem-se algumas ocorrências, como ‘cartão laranja’ e ‘cartão rosa’, numa perspectiva da linguagem figurada, alusivas à política, as quais se conceptualizam, em primeiro lugar, como identificação do partido político, isto é, defensor das suas ideologias, veiculando assim a metáfora conceptual PARTIDO POLÍTICO É COR DE CARTÃO.

Em segundo lugar, ressalta-se que ser detentor do cartão do partido no poder, ou não, pode representar um sinal de favorecimento ou desfavorecimento, irrompendo a metáfora (DES) FAVORECIMENTO É COR PARTIDÁRIA DE CARTÃO. Conceptualizam-se a partir do domínio fonte – alguém que é portador do ‘cartão militante’ do PS (cor rosa) ou PSD (cor laranja) – e projetam-se no alvo – compensações ou privilégios –, fruto dessa condição, sem levar em linha de conta

³ Disponível em: <<https://www.publico.pt/2022/07/28/desporto/noticia/desporto-quer-perpetuar-cartao-branco-arma-paz-2015269>>. Acesso em: 03/04/2023.

valores, como competência, merecimento e honestidade, caso da obtenção de um emprego ou outro benefício, como a ascensão na carreira, por ser detentor do ‘cartão militante’. Por isso, por extensão metafórica, esses ‘cartões’ correspondentes às cores tradicionais dos partidos socialista (rosa) e social democrática (laranja) dão acesso, em algumas situações de forma ilegítima, a determinadas prerrogativas ou desfavorecimentos, conforme o partido no poder: “Em resposta ao ‘cartão laranja’, que Mário Soares disse ser necessário para conseguir um emprego na administração central, Cabrita Neto contrapôs o ‘cartão rosa’, necessário para conseguir trabalhar na maioria das câmaras algarvias”.

GRÁFICO 7. Ocorrências, em percentual, da ‘cor do cartão’ na esfera social e política

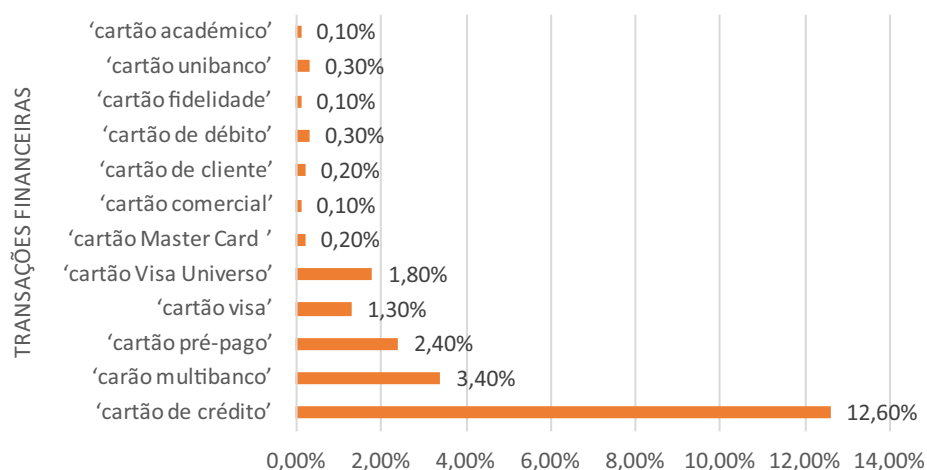


Fonte: Produzido pelo autor.

Proeminente é, ainda, a utilização dos diversos ‘cartões’ que possibilitam transações financeiras e comerciais no dia a dia das sociedades contemporâneas. Já a análise lexicográfica, evidenciara essa tendência, acentuando-se na da linguagem em uso (23,3%), como se observa no Gráfico 8 e se atesta neste exemplo do CETEMPúblico: “Par=ext21873-eco-95a-2: O objetivo era cruzar o volume de vendas efetuado com *cartão de crédito* com a faturação declarada para efeitos fiscais por estabelecimentos sobre os quais havia dúvidas de subfaturação, em especial restaurantes”.

Destacam-se ‘cartão de crédito’, ‘cartão de débito’, ‘cartão pré-pago’, ‘cartão multibanco’ (...), que se concebem no material plástico, com uma faixa magnética e dados do utente (Gráfico 8), expondo relações por similaridade e contiguidade face ao modelo prototípico. Nesse quesito, o ‘cartão’ é conceptualizado enquanto instrumento monetário, para a materialização de trocas comerciais de bens e serviços sob as quais se emprega um determinado valor.

Nas diversas transações que realizamos diariamente, o ‘cartão’ é conceptualizado metonimicamente quando, por exemplo, o tomamos na acepção de conteúdo e continente. Quantas vezes, escutamos amiúde expressões do tipo: “Estorei o meu cartão”, “Abusei do seu cartão”, “Zerei o cartão” (...). Nesses casos, o ‘cartão’ é um contentor que se esgota ou se acrescenta conforme for a ação de retirar ou repor valores, o conteúdo.

GRÁFICO 8. Ocorrência, em porcentagem, do item 'cartão' na área das transações financeiras

Fonte: Produzido pelo autor.

Outras vezes, num sentido depreciativo, quando há um relacionamento amoroso por interesse, ouvem-se enunciados do tipo “Namoras o cartão da pessoa x”, por exemplo, expondo uma metaftonímia, pois o interesse da pessoa é motivado pelo conteúdo do cartão de crédito. Neste caso, em concreto, usa-se uma metáfora conceptual RELACIONAMENTO AMOROSO É CARTÃO DE CRÉDITO e a metonímia, já que expõe o conteúdo contido pelo continente.

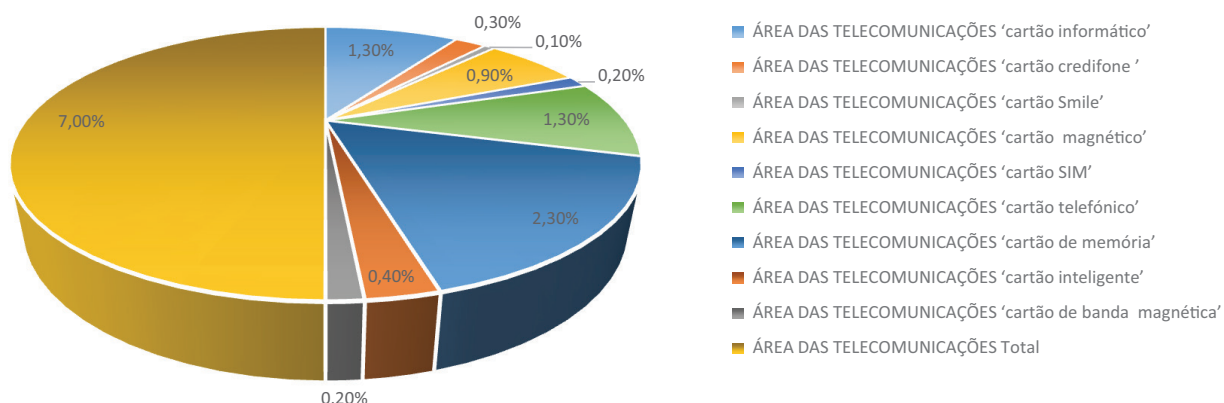
Duas são as operações cognitivas envolvidas na conceptualização dessas lexias, a metonímica, pelo que indica a matéria de que são feitos, e a metafórica, pois conceptualizam-se por similaridade em relação a um exíguo ‘cartão’ papel espesso, o que nos permite aludir a uma metaftonímia.

Similarmente a esses cartões, irrompem os relacionados à área das telecomunicações, que são muito usados na linguagem quotidiana. Distingue-se uma pluralidade, caso de ‘cartão telefônico’, ‘cartão de memória’, ‘cartão credifone’, ‘cartão SIM’, ‘cartão SMILE’, ‘cartão inteligente’ (Gráfico 9), veiculando um grau máximo de lexicalização (cf. BATORÉO 2004, p. 58-59), conforme os exemplos: (1) “Par=ext24454-nd-91a-1: Dispõe de cerca de 1 MByte de memória ROM e de 512 Kbytes de RAM, com possibilidade de expansão por meio de um *cartão especial de memória*”; “par=ext96067-soc-94a-1: O mais inovador dos quais será através dum *cartão magnético (do tipo Credifone)* que pode ser adquirido num «*guichet*» ou numa máquina – que aceita notas – pelo preço mínimo de 250000 e que é recarregável sempre que se esgotarem os créditos disponíveis.”

Atualmente, devido à dinâmica das tecnologias de informação e comunicação, é impensável no nosso dia a dia interagirmos sem estes cartões, por isso a alta porcentagem dessas ocorrências, no valor de 15%; e se tivéssemos analisado ocorrências mais atualizadas, para além das primeiras 1000, estaríamos em crer que esta porcentagem seria muito superior.

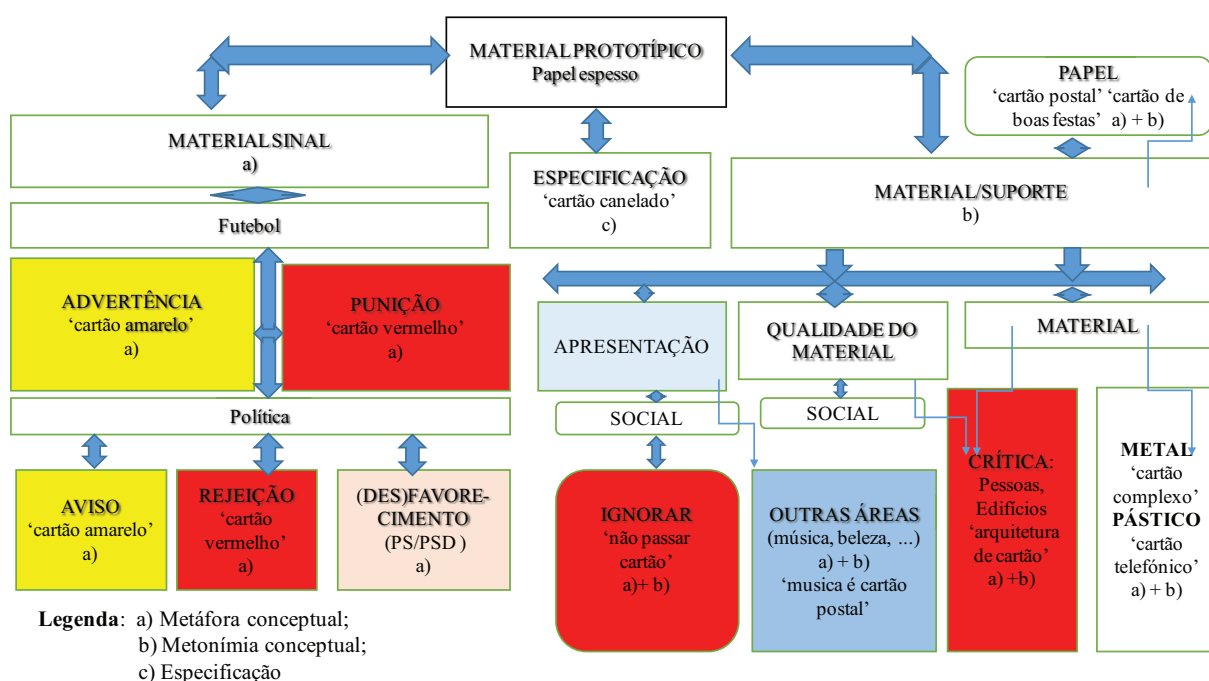
Deste exame empreendido, resultou a proposta de análise em rede tal como projetada na Figura 2, que representa um complexo polissêmico altamente conceptualizado na medida em que expõe uma inter-relação de conceitos os quais se organizam a partir do modelo prototípico ‘papel espesso’. Porém, à medida que se afasta desse exemplar padrão, isto é, do modelo ideal-

GRÁFICO 9. Ocorrências, em percentual, face às lexias de ‘cartão’ no campo das telecomunicações



Fonte: Produzido pelo autor.

FIGURA 2. Rede conceitual do item lexical ‘cartão’ segundo a linguagem em uso



Fonte: Produzido pelo autor.

zado, detectado já na análise dicionarística, os sentidos da palavra ‘cartão’, em primeiro lugar, vão se diferenciando e tornando-se mais abstratos, sobretudo por relações de similaridade, em diversas áreas de atuação humana, caso do futebol (punição, quando se exhibe o ‘cartão vermelho’ e advertência em relação ao ‘cartão amarelo’), política (aviso/rejeição; favorecimento/desfavorecimento), relações interpessoais (ignorar o outro, ‘ao não passar cartão’).

Em segundo lugar, por intermédio de relações por contingências e, simultaneamente, por similaridades, os sentidos aparecem sob forma de metafonímias, realçando o material de que é feito o objeto (papel espesso, plástico, metal). Em terceiro lugar, como forma de crítica, uma



construção pode ser desqualificada, ao ser conceptualizada enquanto 'arquitetura de cartão'; a beleza, uma qualidade positiva, ser cognitivamente projetada como 'cartão de visita'; a pobreza, um fenômeno social, ser da mesma forma cognitivamente conceptualizada por 'cartão de visita' (...). Tais conceptualizações atingem outras esferas da vida experiencial humana, quais sejam as das telecomunicações e das finanças expondo, por uma via, um conjunto de itens altamente lexicalizados, casos de 'cartão crédito', 'cartão *smile*', 'cartão credifone', e demonstrando, por outra, a variabilidade e o jogo de relações conceptuais que se estabelecem na formação dos múltiplos sentidos do item em causa.

Certifica-se, também, que os últimos conceitos constantes nesta rede, originários do modelo prototípico 'papel espesso', já são mais periféricos em relação ao modelo nuclear delineado na análise lexicográfica, o que confirma alguns membros mais representativos ('cartão amarelo', 'cartão vermelho', 'cartão canelado', no sentido do material de que são feitos, 'papel espesso') e outros mais sobrepostos (caso de 'cartão amarelo', 'cartão vermelho', 'cartão rosa', 'cartão laranja', no sentido de advertência e punição; favorecimento e desfavorecimento, por extensão metafórica, ou então 'cartão complexo' e 'cartão telefônico', por relação de contiguidade e similaridade, respectivamente).

Verifica-se, ainda, que esta rede conceptual, representada pela Figura 2, e equiparada à Figura 1, é muito mais alargada devido à flexibilidade e à mutabilidade dos sentidos que a palavra adquire no contexto de uso, resultante sobretudo das extensões metafóricas e metonímicas.

Com as redes conceptuais (Figuras 1 e 2), efetuamos a seguinte diferenciação: (i) a análise dicionarística é mais restritiva comparativamente à da linguagem em uso, que é extremamente produtiva, visivelmente notória na dimensão das redes de sentido; (ii) dois são os principais mecanismos conceptuais envolvidos na formação dos sentidos múltiplos do item 'cartão', a metonímia e a metáfora, tanto numa como noutra análise; (iii) a análise lexicográfica (figura 1) expõe, de forma evidente, algumas especificações de 'cartão', ao contrário da linguagem em uso; (iv) apercebe-se de um *continuum* de sentido a partir do protótipo, porém o da linguagem em uso é mais saliente, pelo que, em relação às metáforas conceptuais, se parte do domínio de origem – concreto – para o abstrato – alvo – e, de seguida, do abstrato (fonte) para o abstrato (alvo), como ficou demonstrado com as cores do 'cartão' a partir do futebol para a política, por exemplo, expondo a inter-relação, bem como a flexibilidade e dinamicidade destes sentidos; (v) a metonímia material pelo objeto é uma constante nas conceptualizações da linguagem em uso, o que é visível no conceito suporte, expondo uma metaftonímia; (vi) torna-se evidente, na análise da linguagem em uso, o efeito de prototipicidade derivado das inter-relações imperfeitas entre a realidade e os modelos cognitivos idealizados ('cartão' vs 'cartão amarelo' no futebol vs 'cartão amarelo' na política).

5. Considerações finais

Com a análise empreendida, comprovou-se que a LC tem, de fato, uma forma muito peculiar de observar e estudar o significado, assinalando a sua dinamicidade. Se as correntes linguísticas anteriores perspectivavam o sentido dos itens como algo estável e predizível (SILVA 2006), a LC

preocupa-se em estudá-lo em toda a sua profundidade, acompanhar as mudanças de sentido, averiguando sempre os mecanismos cognitivos envolvidos.

O estudo do item ‘cartão’ demonstrou-nos que a linguagem nunca se separa da sua função cognitiva e comunicativa, impondo-se, por isso, a abordagem baseada no uso.

Podemos dizer, em síntese, que os sentidos múltiplos da palavra analisada são consequências das interpretações empreendidas, assentes em parâmetros linguísticos, em que a metáfora e a metonímia conceptuais mostraram-se os principais responsáveis pela flexibilização e mutação dos vários sentidos da palavra ‘cartão’.

REFERÊNCIAS

- BATORÉO, Hanna J. **Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva** (CD-Rom). Lisboa: Universidade Aberta, 2004.
- BATORÉO, Hanna J. Como não ‘Pôr o pé em ramo verde’ ou do papel da polissemia na construção do sentido. *In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima Silva (Orgs.). Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Mário Vilela*. Volume I. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 2005. p. 237-253.
- CETEMPúblico. **Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público**. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>>. Acesso em: 03/04/2023.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSTA, J. Almeida.; MELO, Sampaio e. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Porto: Porto Editora. 1979.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an Introduction**. Edinburg: Edinburg University Press, 2006.
- GIBBS, R. W. **The poetics of mind: Figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIBBS-JR, R. W. Metaphor as dynamical-ecological performance. **Metaphor and Symbol**, v. 34, n. 1, p. 33-44, 2019.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Orgs.), Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- GRADY, Joseph Edward. **Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes**. Tese (doutorado em linguística) – Graduate College of the University of California, Berkeley, 1997, p. 299. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2>>. Acesso em: 02 maio, 2023.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa, Temas e Debates**. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2003.
- KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive linguistics**. v. 28, n. 2, p. 321-347, 2017.



KÖVECSES, Z. Some consequences of a multi-level view of metaphor. *In: NAVARRO i Ferrando, Ignasi (Org.). Current Approaches to Metaphor Analysis in Discourse.* Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, 2019. p. 19-33, 2019.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana.** Tradução Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora, Educ. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LANGACKER, Ronald W. A View of Linguistic Semantics. *In: RUDZKA-OSTYN, B. (Org.). Topics in Cognitive Linguistics*, n. 50. Amsterdam: John Benjamins. 1988, p. 49-90. Disponível em: <<https://doi.org/10.1075/cilt.50>>.

MACHADO, Pedro José. **Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades.** v. 7 – Fasc. 1-2, p. 13-75, 2003.

SILVA, Augusto Soares da. **O Mundo dos Sentidos - Polissemia, Semântica e Cognição.** Coimbra: Edições Almedina, SA. 2006.

SILVA, Augusto Soares da. Polissemia e Contexto: O problema duro da diferenciação de sentidos. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies.** 5. Edições Colibri/CLUNL: Lisboa, 2010. p. 353-367.

STEEN, G. Deliberate Metaphor Theory: Basic assumptions, main tenets, urgent issues. **Intercultural Pragmatics**, v. 14, n. 1, p. 1-24, 2017.

SULLIVAN, K. Frame-based constraints on lexical choice in metaphor. *In: Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 32, n. 1, p. 387-399, 2006. DOI: 10.3765/bls.v32i1.3476

ANEXO

Acepções do item cartão nos dicionários

<p>COSTA, J. A. & Melo, Sampaio e (1979). <i>Dicionário da Língua Portuguesa</i>, 5ª ed. Porto Editora, p. 77</p>	<p>MACHADO, Pedro José (1999) <i>Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa</i>, Publicações Dom Quixote, p. 173</p>	<p>HOUAISS, Antônio (2003) – <i>Dicionário da Língua Portuguesa, Temas e Debates</i>. Lisboa, 2003. p. 824-825.</p>
<p>Cartão s.m. papel forte; papelão; bilhete de visita; (fr. carton do it.)</p>	<p>Cartão s.m. papel muito consistente e mais ou menos grosseiro, para desenhos, bordados, etc. Bilhete de visita.</p>	<p>Cartão s.m. (1595 cf. LTransf) 1 PAP papel encorpado, obtido por colagem e prensagem de várias folhas, ou utilizando a polpa na fabricação à máquina. papel-cartão [Como suporte de impressão, nos meios gráficos, cartão é a folha de papel que pesa 180g ou mais por metro quadrado; quando tem 0,5mm de espessura, denomina-se papelão, quando tem menos, cartolina]. 2 PAP pedaço pequeno e retangular dessa espécie de papel, us. para diversas finalidades 3 PAP desenho executado sobre papel espesso ou sobre papelão, para servir de modelo a diversas obras 4. bilhete; senha 5 P documento (de identificação, de clube etc.) <perdeu o c. da Cooperativa dos Bancários e agora não pode fazer compras lá.> 6 ART PLÁS m.q. CARTELA ('motivo ornamental') 7 GRÁF página, ou quarto de folha (compreendendo quatro páginas) que se põe em livro já impresso, quando é necessário completar ou substituir alguma página errada 8 p.ana. ENT substância semelhante à cartolina, expelida por insetos himenópteros e os isópteros, utilizada na construção de ninhos e galarias [É constituído pela combinação de saliva, excreções e celulose, parcialmente digerida]. 9 FUT retângulo de cartão colorido que o juiz exhibe ao jogador quando este comete uma falta. 10 PROC.D peça de cartolina ou papelão, dividida em colunas, própria para receber perfurações representativas de letras ou números; constitui elemento fundamental em processamento de dados. ◊ c. bristol GRAF PAP cartão de qualidade superior, produzido pela colagem de duas a seis folhas de papel us. para cartão de visita; fichas, participações, etc. tb. se diz apenas bristol. c. canelado PAP cartão com pequenas saliências que lembram canais, us. na embalagem de mercadorias frágeis. cartão ondulado (B), papelão ondulado (B) • cartão cinzento PAP espécie de</p>



papelão fabricado com pasta de madeira de baixa qualidade, usado em capas de livros encadernados e, nesse caso, geralmente revestidos com papel couro ou plástico • **c. comercial** espécie de cartão de visitas que traz o nome, o endereço e o telefone comerciais do seu dono, e que é usado na vida profissional • **c. de afinidade** COM ECON espécie de cartão de crédito ligado a uma empresa, instituição ou clube desportivo que geralmente oferece vantagens especiais ao seu possuidor, além de destinar parte da sua arrecadação a obras assistenciais • **c. de colagem** PAP o que resulta da colagem de diversas folhas de papel cf. cartão de modelagem • **c. de crédito** COM ECON documento emitido por uma instituição financeira em forma de cartão magnético feito de plástico, que faculta ao seu titular a aquisição de produtos ou obtenção de serviços para pagamento posterior, em prazos definidos contratualmente • **c. de débito** COM ECON documento emitido por uma instituição financeira, em forma de cartão magnético feito de plástico que faculta ao seu titular que as suas despesas sejam automaticamente debitados na sua conta bancária • **c. de encadernação** ENC cartão de modelagem ou de colagem, us. na encadernação de livros de capa dura • **c. de erratas** EDIT folha de papel, não necessariamente encorpado, que se intercala entre folhas de um volume, para substituir páginas que contêm erros • **cartão de estereotipia** GRAF m.q. *FLÃ* • cartão de lombo ENC m.q. *FALSO –DORSO* • **c. de modelagem** PAP o que é fabricado, a partir da pasta de papel, já na espessura característica do cartão cf. cartão de colagem • **cartão de ponto** cartão que, numa empresa, serve para controlar a frequência e a pontualidade do empregado, marcando a hora de entrada e de saída no local de trabalho • **cartão de visita** pequeno cartão retangular onde se imprimem nome eventualmente endereço, telefone e títulos do seu dono, que o entrega para se identificar e ser localizado; cartão pessoal • **c. dúplex** PAP cartão composto por duas camadas de pasta unidas sem cola durante o fabrico, e que tem as faces de cores ou de textura diferentes, cartolina duplex • **cartão eletrônico** INF m.q. *CARTÃO MAGNÉTICO* • **c. Hollerith** PROC. D m.q. *CARTÃO PERFURADO* • **c. íris** PAP variedade de cartão brístol, com desenhos e cores variados • **c. magnético** INF cartão de plástico ou de cartolina, total ou parcialmente revestido de uma superfície magnética (ger. uma faixa), onde se podem armazenar dados; cartão eletrônico • **c. offset** cartão próprio para impressão *offset* • **c. ondulado** PAP m.q. *CARTÃO CANELADO* • **c. perfurado** PROC.D peça retan-

gular de cartolina, capaz de armazenar dados pela presença ou ausência de perfurações em locais predeterminados • **c. pessoal** m.q. *CARTÃO DE VISITA* • **c. preto** pigmento fino e preto, obtido da queima do gás natural ou óleo com suprimento de ar restrito, us. na fabricação de tintas • **c. telefônico** tipo de cartão magnético, que substitui moedas ou fichas, us. para fazer ligações telefônicas nos aparelhos públicos ou em certos telemóveis • **c. triplex** PAP 1 cartão semelhante ao dúplex, mas com suporte feito em duas ou mais camadas 2 m.q. *CARTÃO-CROMO* • marcar c. *B AL* infirm. encostar-se numa mulher por detrás, fingindo distração, e roçar-lhe as nádegas • *ETIM fr. carton* (sXVI) 'folha de papel bastante espessa', este emprt. do italiano. *cartone* (1508) 'id'; ver *cart-*; f.hist. 1595 *quartão*, 1619 *cartão*.

Cartão-couro s.m. PAP papelão duro e fibroso, feito com pasta de madeira cozida, de cor semelhante à do couro; cartão-fibra GRAM pl.: cartões-couros e cartões-couro.

Cartão-cromo s.m. PAP variedade de cartão dúplex, com uma face áspera e outra cromada ou muito lisa, cartão triplex GRAM pl.: cartões-cromo.

Cartão-fibra s.m. PAP m.q. *CARTÃO-COURO GRAM* pl.: cartões-fibra e cartões-fibras.

Cartão-ficha s.m. PAP variedade de cartão brístol mais prensado, utilizado no fabrico das fichas GRAM pl.: cartões-ficha e cartões-fichas.

Cartão-palha s.m. PAP papelão de baixa qualidade, amarelo, feito de pasta de palha cozida com pouco tratamento químico, us. para caixas e para o falso-dorso dos livros GRAM pl.: cartões-palha e cartões-palhas.

Cartão-pedra s.m. (1913 cf CF²) PAP substância obtida da mistura e compressão de pasta de papel com gesso, cola e adesivos, us. em artes decorativas e utensílios diversos GRAM pl.: cartões-pedra e cartões-pedras.

Cartão-postal s.m. (d1903) m.q. *BILHETE-POSTAL GRAM* pl.: cartões-postais.

Cartão-resposta s.m. GRÁF impresso próprio para retorno de informação, na forma de questionário, formulário, ordem de compra, contratação de serviços etc. ger. com porte postal previamente pago, enviado ao público-alvo por meio de mala direta ou encartado no meio de publicação (revista, jornal ou livro), carta-resposta GRAM pl.: cartões-resposta. Uso emprega-se carta ou cartão tendo em conta a espessura do papel.